

Em busca de uma Geografia Latino-Americana Crítica ou por uma Geografia Mestiça

Amália Inés Geraiges de Lemos ¹

Resumo: Após tomar conhecimento da identidade de América Latina, da europeização histórica da interpretação dos estudos, nas Ciências Sociais e na geografia em particular, ao longo transcurso do tempo, em 2005, na organização do X EGAL, esboçamos a possibilidade de começar a pensar na realização de uma Geografia Crítica Mestiça. Ao questionar a colonialidade do saber, de ver como se aplicavam teorias e conceitos, paradigmas que não nos dizem ao respeito, nos interessamos por estudar de outra forma a nossa realidade. Isto nos traz a necessidade de repensar constantemente a nossa disciplina, se livrar de posições ideológicas, e compreender ela é complexa e interdisciplinar. O conteúdo desse trabalho procura sustentar uma geografia crítica preocupada com América Latina, com a sua identidade mestiça e fazer um diálogo da sociedade com a natureza e sem ignorar que a formação socioespacial é produto desse diálogo. Com Boaventura Souza Santos aprendemos que há outros paradigmas, outros critérios de interpretar as ciências e em nosso caso, o espaço geográfico. No novo paradigma da chamada "Ciência Pós-Moderna", o conceito de totalidade é a base dos estudos se chegar a uma visão de indivisibilidade, assim como de todo conhecimento científico procura constituir-se em senso comum. A partir desses conteúdos teóricos, entramos a escrever da identidade de América Latina e sua materialidade mestiça. Nos dias atuais pelas circunstâncias históricas, é muito necessário aprofundar a essência do ser mestiço. Finalmente, trabalhamos sustentados nos conceitos de Milton Santos o que seria escrever trabalhos, estudos, talvez teses a partir de uma geografia crítica latino-americana.

Palavras-chave: América Latina, Geografia Crítica, Geografia Mestiça, Epistemologia.

In Search of a Critical Latin American Geography or by a Mestizo Geography

Abstract: After learning about the identity of Latin America, of the historical Europeanization of the interpretation of the studies, in the Social Sciences and in geography specifically, in 2005, during the X EGAL, we outlined the possibility of starting to think about a Mestizo Critical Geography. By questioning the coloniality of knowledge, of seeing how theories and concepts applied, paradigms that do not concern us, we are interested in studying our reality in a different way. This brings us the need to constantly rethink our discipline, get rid of ideological positions, and understand it is complex and interdisciplinary. The content of this work seeks to sustain a critical geography concerned with Latin America, with its mestizo identity and to make a dialogue between society and nature without ignoring that the socio-spatial formation is the product of this dialogue. With Boaventura Souza Santos we learn that there are other paradigms, other criteria to interpret the sciences and in our case, the geographical space. In the new paradigm of the so-called "Post-Modern Science", the concept of totality is the basis of studies if it reaches a vision of indivisibility, just as all scientific knowledge seeks to constitute itself in common sense. From these theoretical contents, we start to write about the identity of Latin America and its mestizo

¹ Departamento de Geografia - FFLCH - USP. E-mail: amain@usp.br

materiality. In the present day by the historical circumstances, it is very necessary to deepen the essence of the mestizo being. Finally, we work under the concepts of Milton Santos to open new proposals of works with a critical Latin American geography.

Keywords: *Latin America, Critical Geography, Mestizo Geography, Epistemology.*

"O espaço é a acumulação desigual do tempo" (Milton Santos)

À guisa de introdução

A Geografia Crítica começou a ser estudada entre nós a partir do final dos anos 1970, e foi assumida cada vez mais até se tornar quase metodologicamente dominante na década de 1990. Os governos militares que estavam na maioria dos países latino-americanos, foram proibindo e sufocando o conhecimento daqueles que aprenderam a nova interpretação da Geografia no exílio na Europa. Para nós, que vivíamos na América do Sul, só descobrimos esses novos conhecimentos, após os anos de 1975.

De qualquer forma, havia um clima de insatisfação entre os geógrafos de diferentes países pela Geografia que se produzia e por não haver nem a possibilidade de se realizar um evento voltado para a necessidade de uma consciência latino-americana. O primeiro Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL) foi realizado em Rio Claro (Estado de São Paulo - Brasil), em 1987. Os participantes, muito poucos e de alguns países, perceberam que tínhamos que pensar em uma nova realidade: o espaço produzido na América Latina.

Nos encontros posteriores, nos diferentes países que nos receberam, os estudos baseados nos conceitos epistemológicos dessa nova Geografia tornaram-se cada vez mais determinantes.

Em 2005, por ocasião da realização do X EGAL, escrevemos um trabalho em que já estávamos preocupados em pensar em uma nova Geografia que já era crítica, mas diferente da que estávamos fazendo, com fortes influências estrangeiras. Desde a Independência nos países latino-americanos, o conhecimento das Ciências Sociais, incluindo a Geografia, eram de origem francesa e, posteriormente, a partir da década de 1960, tiveram ênfase às obras dos Estados Unidos ou da Geografia Anglo-saxônica.

Começo citando um parágrafo dessa comunicação: "Nosso pensamento no estudo do espaço geográfico da América Latina - que já tem um passado de quase um século - deverá ser num

movimento dialético entre os questionamentos das certezas e das incertezas, na contextualização e na globalização dessa realidade muito particular: de ser mestiça de sua origem" (LEMOS, 2006: 27-37).

Preocupados com o novo processo civilizatório chamado de Globalização ou Mundialização, este com forte teor econômico, não obstante, é fruto do que Milton Santos chamou de "período técnico-científico-informacional" (LEMOS, 2006: 29).

A abordagem da Geografia Crítica que surgiu na França a partir dos anos 1960, com base teórica no materialismo histórico e na dialética, é acompanhada pela crise das outras Ciências Sociais e das ciências em geral. A chamada Revolução Científica questionava o significado do conhecimento como forma de pensar. A realidade que era dividida para observar e analisar reduzia a interpretação a uma lógica formal. Os epistemologistas lutavam para pensar as ciências sem barreiras, sem modelos pré-determinados, com correntes diferentes e diferenciadas.

Resultados destes processos as ciências hoje consideram o conhecimento como possibilidade sem se prender demasiadamente a fórmulas e métodos, sendo pelo contrário favoráveis a uma pluralidade metodológica.

Sendo nossa América Latina, de denominação europeia, por oposição deliberada à América anglo-saxônica, com a natureza quase totalmente socializada e os conhecimentos geográficos essencialmente interdisciplinares, temos cada vez mais que tomar consciência da unidade e das particularidades de seu objeto.

Ao pensar em uma Geografia Crítica preocupada com a América Latina, devemos levar em conta o diálogo da sociedade com a natureza e não podemos ignorar a formação socioespacial produzida por esse diálogo.

Durante o século XX participamos de certos paradigmas que muitas vezes significavam reais camisas de força, limitando o pensamento e especialmente a imaginação, matéria-prima do conhecimento. Esses paradigmas em crise nos permitiram recuperar certos conceitos que pertencem à formação histórica da Geografia, a sua herança, que agora nos permite observar nosso objeto com uma pluralidade de abordagens. Repensar constantemente nossa disciplina significa se livrar de posições ideológicas, compreendendo que ela, assim como toda ciência social, é complexa e acima de tudo interdisciplinar. Todos os feitos sociais se materializam no espaço. A declaração feita significa que eles têm movimentos diacrônicos e sincrônicos e que a nossa realidade é formada por processos históricos com limites espaciais.

Efetivamente, a ciência que estuda hoje tem determinados critérios, listados por Sousa Santos, que os rotulou de um "paradigma emergente" e que vários estudiosos denominaram euforicamente como "uma nova aliança. Para Illya Prigogine houve uma "Metamorfose da Ciência". Fritjof Capra a menciona como "uma nova física" e de "o taoísmo da física". Por fim há várias outras opiniões como Habermas que a rótula de "sociedade comunicativa" e que podemos considerar a base epistemológica para todos os nossos estudos, a formulação dos fundamentos de uma Geografia Crítica (1989: 41).

Sousa Santos, que estamos citando como principal autor, menciona que "todo conhecimento científico natural é científico social". A antiga divisão entre Ciências Naturais e Ciências Sociais deixou de ter sentido e utilidade. Essa concepção contrapõe os conceitos de ser humano, de cultura e de sociedade. Os estudos recentes da biologia e da física discutem a evidência e a validade dessa divisão arcaica. A revolução científica vivida, nas últimas décadas do século XX, sugere a reconceituação das condições epistemológicas e metodológicas do conhecimento científico social. O uso de certos elementos metodológicos das Ciências Sociais permitiram um avanço maior no conhecimento das ciências naturais. Esses conceitos são muito importantes e de relevância para os estudos de Geografia Física e dos problemas ambientais.

Sousa Santos nos apresenta um segundo conceito próprio para os estudos geográficos. "Todo conhecimento é local e total", o que também podemos afirmar que, se é total, é global. O conhecimento avança através da especialização e esta se torna mais específica quando o objeto é mais limitado. Não pode ter uma limitação e especificação excessivas, porque anula as possibilidades de ser total, na medida em que é total também é local. O novo paradigma da chamada ciência pós-moderna é o conceito de totalidade, de uma visão de indivisibilidade. Esta é sua situação de ser analógica, de suas condições de possibilidades. "As condições de possibilidades da ação humana projetadas em um mundo a partir de um espaço-tempo local. Um conhecimento deste tipo é relativamente a-metódico, se constitui a partir de uma pluralidade metodológica" (SOUSA SANTOS, 1989: 49).

Todo conhecimento é autoconhecimento: aqui esse novo paradigma da ciência questiona a relação sujeito/objeto. Este é um problema apresentado para as Ciências Sociais, e para a Geografia entre elas, como uma relação difícil de resolver. Quanto se poderia questionar o objeto? Que tipo de observação se deriva na interpretação do objeto que terminava subjetivado. Este critério não se podia aceitar porque enfrentava um princípio determinante que era o de neutralidade. Como as condições de pesquisa das ciências naturais foram imitadas, esta situação

não podia ser reproduzida nas Ciências Sociais. Sousa Santos cita Clausewitz, que diz: "podemos dizer hoje que o objeto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso todo conhecimento científico é autoconhecimento. A ciência não descobre, cria e num ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica como um todo, há de se conhecer intimamente antes que se saiba o que é conhecido com o real" (op.cit: 52). Nesta afirmação estão incluídos os juízos de valor, as crenças, as questões metafísicas, o simbólico, concepções importantes na visão científica da natureza e da sociedade que formam parte agora da explicação ou da compreensão. No nosso caso, sendo essencialmente uma sociedade mestiça, esse critério é apresentado com um alto conteúdo de afirmação epistemológica.

Citarei novamente o trabalho de Sousa Santos, intitulado "Uma epistemologia social do Sul: a reinvenção do conhecimento e emancipação social" onde exprime: "Hoje sabemos ou suspeitamos que nossas trajetórias de vida pessoal e coletiva (como comunidades científicas) e os valores, as crenças e os preconceitos que são levados, são a prova íntima de nosso conhecimento, sem o qual nossas investigações no laboratório ou de arquivo, nossos cálculos ou nossos trabalhos de campo constituiriam um entrelaçamento de diligências absurdas sem início ou fim. Entretanto, este conhecimento, suspeito ou insuspeito, ocorre hoje, subterraneamente, clandestinamente, nos não ditos de nossos trabalhos científicos" (op.cit: 53).

Finalmente, o autor nos diz que "todo conhecimento científico procura constituirse no senso comum". Estes conteúdos epistemológicos que nos traz uma visão diferente da ciência, que nos diz que nenhuma forma de conhecimento é completa sem tentar o diálogo com outras formas de conhecimento, tais como o senso comum, conhecimento vulgar e prático como é o cotidiano onde orientamos e damos significado às nossas ações e vida. "O senso comum faz com que causa e intenção coincidam, é fundamentado em uma visão do mundo baseada na ação, no princípio da criatividade e das responsabilidades individuais". O autor continua: "O senso comum é prático e pragmático; se reproduz filtrado pelas trajetórias e experiências de vida de um determinado grupo social e nessa correspondência é considerado viável e seguro". Por fim, continua mostrando quanto a ciência necessita e deve ao senso comum, considerado superficial, porque não está interessado em estruturas que estão além da consciência e, portanto, é mais fácil de se relacionar, definido como retórico e metafísico que não ensina, mas sim convence as pessoas e as coisas (SOUSA SANTOS: op cit: 55-57). É indisciplinar e ametódico, porque ele vem do acontecer da vida cotidiana, aceita o que existe, valoriza a ação que não produz rupturas acentuadas da realidade e finalmente o autor considera-o o produtor de novas racionalidades.

Com a base epistemológica que apresentamos e com uma visão de mundo baseada no pensamento social latino-americano, tanto do nosso continente como do exterior, buscamos alternativas para conhecer e superar o colonialismo eurocêntrico. Com essas novas formas de conhecimentos sociais, de uma nova modernidade ou modernidades, como preferia Milton Santos, tentaremos encontrar os conteúdos da Geografia Crítica latino-americana ou da nossa denominada Geografia Mestiça.

América Latina: sua identidade no século XXI

Desde o século XIX e até a segunda metade do século XX, cada indivíduo pertencia a uma nação e desde aí imaginava a sua relação com os outros, não existia ou não se conhecia este conceito de pertencer a um continente que tem sua identidade desde os primórdios da colonização ibérica. Sabia-se que se falavam três idiomas, francês, espanhol, português, com preponderância dos dois últimos, e em várias regiões havia também línguas indígenas como no México, Guatemala, Bolívia, Paraguai, Peru. Nas escolas se falava de uma história mais ou menos compartilhada e tínhamos todos a religião católica. Canclini nos mostra que "Poucos saiam para fazer a experiência da "pátria grande", denominação pelo tanto bastante abstrata, que poderia carregar-se com a emotividade em discursos de políticos e evocações de poetas. Assim Pablo Neruda ao reconhecer, em seu "Canto general", nos apresenta os "ríos arteriales y pampas planetarias" (2002:23).

A experiência do desconhecimento serviu a escritores e artistas que descobriram seus países morando no exterior.

Os diferentes regimes militares que ocuparam nosso espaço a partir dos anos 1960, fizeram questão de ignorar aquele processo civilizatório que nos dá identidade. A população em si não se considerava latino-americana e havia um forte senso de nacionalidade devido à existência dos estados-nação sustentado em territórios bem definidos desde suas fronteiras.

Em trabalho anterior, apresentamos a reflexão de que após o final da década de 1980, várias formas de expressão, considerando uma unidade territorial, com a denominação de latino-americanos começaram a existir. Na literatura, na música, na arte, na grande massa de exilados, não apenas políticos, mas também econômicos que às distâncias começaram a se identificar.

O tema da identidade é clássico no estudo das Ciências Sociais, e um conceito crucial num campo de análise que encontrou sua expressão nas diferentes disciplinas que o enriquecem a medida que os fenômenos sociais se tornam mais complexos e especializados. É um campo científico interdisciplinar no qual se busca dar conta do fenômeno. É necessário criar um campo teórico que permita a diferentes grupos sociais participar em "seus repertórios de ação e de sua contribuição para a continuidade e mudança social".

Entendemos com Oliveira Mendes que numa época de globalizações, com uma manifesta intensificação de fluxos e fixos econômicos, políticos, culturais e simbólicos a nível mundial, as pessoas e os coletivos veem alargado o leque dos possíveis e dos recursos disponíveis para a elaboração dos argumentos que justificam as suas identidades e seus processos de identificação. Por outra parte o mesmo autor citado afirma que "a luta pela identidade é legítima, afirmando que a identidade é socialmente distribuída, construída e reconstruída, nas interações sociais". (2012: 503-504).

Salgado e outros, antes citados, que consultamos buscando uma explicação, continuam afirmando que "a constituição das identidades no plano social é o resultado da busca por parte dos seus atores, para poderem se situar no mundo em que se desenvolvem num processo intimamente ligado à interpretação que fazem estes sujeitos sociais de tal mundo circundante" (2011:126).

O ser latino-americano é uma identificação que reconhecemos pela observação de nossos lugares, onde processos cada vez mais comuns tomam forma nos diferentes espaços, à medida que "políticas nacionais, industriais e culturais se unificam e criam homogeneidade" (CANCLINI, 2002: 25), ao mesmo tempo em que aumentam a fragmentação desses lugares.

Com esses conceitos assumidos dos cientistas sociais, podemos encontrar as "razões da estruturação, funcionamento e demarcações da realidade enfrentada, que são mais facilmente compreensíveis quando se pode identificar o que é e o que não é; quando está claro quem somos 'nós' e quais são os 'outros'" (SALGADO, et al., 2011: 127).

Também Lobato Correa, nos mostra num trabalho relativo às formas simbólicas e seu papel na afirmação das identidades, e as nossas cidades de América Latina, estão ricas de possuí-las. As diversas formas espaciais são importantes "no processo de criação e manutenção da identidade, seja étnica, racial, social, religiosa ou nacional, seja ainda a identidade de um lugar (RELPH, 1976). Constituem elas geo-símbolos (BONNMAISON, 2003), marcas identitárias que individualizam uma certa porção do espaço ou um grupo humano (citado por LOBATO, 2012: 103).

Milton Santos nos ajuda a entender esse raciocínio quando nos diz que "tanto a região quanto o lugar são subespaços subordinados às mesmas leis gerais de evolução nas quais o tempo empiricizado entra como condição de possibilidade e a entidade geográfica entra como condição de oportunidade. Para cada temporalidade prática, corresponde uma espacialidade prática, que nega as solidariedades e os limites anteriores e cria novos" (2005: 159).

Essas bases teóricas nos fazem observar os conteúdos das formas espaciais, onde se produzem densidades de diferentes situações, que lhe outorgam identidades, resultantes de mudanças econômicas, políticas, sociais e logicamente culturais, onde há sempre uma hibridização no conceito de Canclini. O tradicional e o novo são misturados onde coexistem com as influências da mídia e da ciência da computação como um todo. O que Milton Santos chama de "meio técnico-científico-informacional", para se referir ao período em que vivemos, que também são chamados de globalização ou mundialização. Os conflitos se intensificam e se aceleram, as religiões se multiplicam, há um sincretismo de ritos e cultos, com mistos de influências dos Estados Unidos, sua cultura, e de seitas orientais. Os novos heróis, saídos do futebol e da TV, reúnem novas formas de consumo, verdadeiros cruzamentos socioculturais do moderno onde o tradicional ainda existe, embora às vezes ou sempre modificado.

Serge Gruzinski, em seu livro "El Pensamiento Mestizo" e o filósofo Michel Serres, com sua "Filosofia Mista", preocupam-se em apresentar o que definimos como um novo processo civilizatório, baseado em algumas idéias que nos dizem respeito: "Com o triunfo do econômico em sua versão estadunidense - que Germinello Alvi chama de "o século americano" - ou melhor, o que se chama, mais moderadamente, de mundialização ou globalização, proliferam fenômenos que alteram nossos pontos de referência: a mistura de culturas do mundo, o multiculturalismo e as "dobras" de identidades, adotando formas que vão desde as defesas das tradições locais até as expressões mais sanguinárias de xenofobia e de limpeza étnica" (GRUZINSKI, 2000: 15, citado por LEMOS, 2006: 31).

O autor citado continua sua análise insistindo que o papel limitado do Estado-nação e as consequências que o processo de globalização reuniu, permitiram enfraquecer a reafirmação de identidades étnicas ou re-identificação que afetam mais intensamente as populações indígenas, minorias e emigradas.

Na última década do século XX e até agora, uma série de movimentos sociais, desde a formação do "Fórum Social Mundial" em Porto Alegre, em 1990, e diversas situações sociais materializam no

espaço as crises que esses fatos da economia atual trouxeram aos diferentes países da América Latina. Não exemplificaremos os processos sociais que vivenciamos até hoje, porém concordamos com Sousa Santos (2002), que se criaram diferentes situações a partir de uma economia dissociada, na qual o conceito de consumidor substitui aquele de cidadão e o critério de inclusão deixa de ser um direito para se tornar o de insolvência. Este conceito é confirmado também em Canclini e Milton Santos, fatos que expressam a dimensão do espaço banal, o espaço vivido, o espaço do cotidiano, o espaço dos movimentos sociais, a materialidade da ação, incluindo o controle da ação (SANTOS, 1996).

A existência de uma heterogeneidade multitemporal e espacial da região denominada América Latina, questiona a situação das formas de cultura pela realidade da mestiçagem no mundo, metamorfoseada pelos efeitos dos meios de comunicação. A antropologia cultural nos lembra de que as culturas podem se mesclar quase sem limites, não apenas se desenvolver, como também podem se perpetuar. Também o conceito de cultura nos leva a considerar o lugar, a região, a nação, a paisagem, os territórios e os grupos sociais responsáveis por sua existência, frutos de sua relação com seu meio. Cultura como manifestação coletiva de "autenticidade, integridade e liberdade" (SANTOS, 2000).

A coexistência de culturas indígenas em todos os países, do México à Patagônia, junto a certos grupos inseridos em novas tecnologias, o trabalho artesanal, aqueles pertencentes ao trabalho formal, ao mesmo tempo a permanência de certas formas políticas, democráticas ou não, a presença de coronéis nos lugares mais isolados e formas populistas no poder, não negam a necessidade de aprofundar a heterogeneidade cultural que nos dá essência. Todos estes fatos antes citados, nos apresentam espaços simbólicos que ultrapassam espaços físicos, permitindo outros canais de expressão. É nas praças públicas, nas ruas os teatros alternativos, nos centros cívicos, nos parques, nos diferentes lugares das cidades ou tal vez também no campo, onde mais aparecem a singularidade de ser latinoamericanos.

Voltando a citar Gruzinski, em seu livro "El Pensamiento Mestizo" (2000: 16): "muitas vezes se associam uniformização, mundialização e mestiçagem. Ao acelerar os intercâmbios e transformar qualquer objeto em mercadoria, a economia mundial realiza circulações incessantes, que imediatamente se alimentam num caldeirão planetário". O próprio autor enfatiza ainda mais suas idéias ao afirmar que as produções mestiças ou exóticas, que ele chama de *Wold Culture*, seriam manifestações da globalização.

Segundo Canclini (2000: 19) "a América Latina não é completa na América Latina. Na sua imagem há espelhos disseminados no arquipélago das migrações". Não podemos negar que esta situação é histórica em nossa região. No final do século XX, um milhão de filhos de japoneses nascidos no Brasil, que haviam emigrado para o Japão, chamados de "dekaseguis", carregavam consigo as idiossincrasias dos latino-americanos. Há uma intensa circulação de povos internos de diferentes regiões da América Latina, buscando melhores condições de vida nos países vizinhos Brasil e Argentina: paraguaios, peruanos, chilenos, bolivianos, equatorianos. Havia também um trânsito intenso de guatemaltecos, panamenhos e caribenhos para o México, observados em todas as grandes cidades, com a emergência contemporânea de novos centros urbanos nestes fluxos.

Embora Canclini tenha escrito o anteriormente citado nos anos 2000, hoje são conceitos absolutamente vigentes e sustentam ainda mais profundamente o que queremos interpretar.

Continuo citando Canclini ao mencionar que "há uma variedade de considerações não econômicas que surgem quando vemos as muitas razões pelas quais os médicos argentinos e os físicos brasileiros, vão pesquisar nos Estados Unidos, psicanalistas e trabalhadores domésticos se dirigem à Espanha; trabalhadores rurais, mecânicos, e pedreiros no México e na Colômbia, que ganham mais do que em seus países de origem, mas menos que seus vizinhos na Califórnia, Chicago ou Madri". O autor continua relatando que no final do século XX tantas pessoas deixaram o Uruguai como as que nasceram naquele período no país. Cerca de 15% dos equatorianos, um décimo dos argentinos, colombianos, cubanos, salvadorenses e mexicanos, vivem nos Estados Unidos e nos países da Europa. As circunstâncias continuam as mesmas.

Por fim, todo esse movimento de pessoas, impregnando os lugares de significados e símbolos, os migrantes atravessam as cidades em várias direções, marcando territórios com seus pobres produtos para vender, do artesanato ao contrabando de verdadeiros produtos da globalização: brinquedos, rádios, vídeos, telefones celulares oriundos da China, Taiwan ou Coreia, via Paraguai ou do Cone Sul.

O fenômeno da mestiçagem étnica e cultural, que compõe a realidade de nossa região desde a origem da colonização, povoa nossas cidades, nossas ruas, nossos campos; é uma realidade cotidiana, multiforme e sempre presente, que unifica as pessoas e formam expressas paisagens urbanas e rural.

O que procuramos quando falamos de uma Geografia Mestiça? Antes de mais nada, pensamos em interpretar fora dos cânones europeus, de uma visão do mundo sustentada no conceito de

modernidade. Aqui citarei Lander (2003:22) que em quatro dimensões podemos definir a realidade que se queria encontrar nos outros lugares do mundo: "1) a visão universal da história associada à idéia do progresso (a partir da qual se constroi a classificação e hierarquização de todos os povos, continentes e experiências históricas; 2) a 'naturalização' tanto das relações sociais como da 'natureza humana' da sociedade liberal capitalista; 3) a naturalização ou ontologização das múltiplas separações próprias dessa sociedade; e 4) a necessária superioridade dos saberes que produzem essas sociedades (ciência) sobre outro saber".

A partir dessa forma de pensar com base na realidade europeia, há uma exigência por estender à totalidade do espaço e do tempo para toda a humanidade, colocando a especificidade histórico-cultural como padrão de referência superior e universal. Este ponto de partida na nossa relação com os nossos objetos de estudos, pretendemos mudar.

Como a Geografia enquanto Ciência Social pretende participar de um futuro melhor latino-americano? Qual é seu maior desafio? Como todas as ciências nosso conhecimento também é cumulativo e acreditamos que pensar e questionar as velhas situações que nos intrigam, de maneira lúcida e crítica leva ao caminho do progresso científico de nossa realidade. É a intensão de querer abrir, repensar e redimensionar os conteúdos de nossa relação natureza-sociedade na América Latina. Não podemos esquecer que o nosso subcontinente possui uma tradição de pesquisas nas ciências sociais, vistas em sua totalidade, o que já lhe outorgou certa consideração e influência nos países do ocidente.

A nossa herança franco-anglo-saxônica de formação, estamos transformado-a em um novo produto, em uma visão verdadeiramente latino-americana, que resulta de nossa essência mestiça. Esta nova visão epistemológica, a partir das duas culturas das ciências e das humanidades e especialmente a partir do nosso lugar. Na Geografia, em particular, faz parte do debate ao questionar sua unidade ou o falso confronto entre a Geografia Física e a Geografia Humana.

Pensamos em encontrar nos espaços latino-americanos políticas públicas que permitam a implementação de forças produtivas, possibilidades de trabalho e de realização de todos os habitantes, respeitando nossas condições culturais mestiças que diminuam as diferenciações locais e, ao mesmo tempo, diminuam as profundas exigências globais de exclusão. Utopias? Sim, nós geógrafos, como cientistas sociais não podemos deixar de tê-las, como temos obrigação de possuí-las.

Procuraremos encontrar espaços onde se realizem os maiores e melhores contatos dos sujeitos comuns, do tempo plural do cotidiano com as situações de conflitos que possam existir. É o lugar onde se realiza a presença e a resistência da sociedade civil, da sociabilidade dos homens simples, como os chama José de Souza Martins (1997), onde a partir de um profundo conhecimento da realidade se pode participar e até transformar. Na maioria dos lugares nas cidades da América Latina já existe um amálgama de novos espaços que podemos chamar de solidariedade.

José de Souza Martins, proeminente sociólogo brasileiro, afirma que é muito difícil entender a linguagem do silêncio e dos silenciados, e continua: "Para todos nós sempre foi difícil entender as armadilhas da jornada, os desafios e as riquezas de nossa inautenticidade, de nosso hibridismo, nossa lentidão e do nosso vir a ser que não se cumpre se não de modo sempre incompleto e sempre insuficiente. Temos medo de ser o que somos ou do que poderíamos ser" (1997: 22).

Acreditamos que a proposta está lançada. Tratamos de interpretar a partir de nossos estudos e pesquisas a realidade espacial da América Latina, feita de diferentes processos civilizatórios em diferentes épocas, mas ainda presentes. Desde os princípios da modernidade, assim cantada na América Latina, até a pós-modernidade que não se sabe se chegou ou não, não completando nenhum de seus ciclos, acentuando as incertezas do amanhã. A presença de condições contraditórias, desafiando nosso pensamento binômio, relações centro-periferia, tradicional-moderno e todas as duplas que inventamos, serão portadoras de uma metamorfose imprevisível que dá essência à hibridação, à mestiçagem. É um mundo misto que se apresenta cada vez mais imprevisível e enigmático e onde é cada vez mais difícil entrar.

Por uma geografia crítica mestiça

Em uma conferência realizada no V Congresso da Sociedade Latino-Americana de Estudos sobre a América Latina e o Caribe, que aconteceu no Departamento de Geografia da FFLCH-USP, em abril de 1996, Milton Santos chamou sua apresentação de "Por uma Epistemologia Existencial" e começou seu raciocínio afirmando que o rótulo da América Latina "admite uma multiplicidade de explicações".

Entre essas explicações, ele especifica os diferentes papéis que o espaço latino-americano desempenha quando se torna europeu, no século XVI, momento esse que se produz uma combinação inédita na história mundial. A chegada de plantas, animais e homens de todos os

continentes cria um novo tipo de espaço na superfície da Terra. Para quem chegou, deu-lhes a oportunidade de formar novos lugares que lhes trouxeram o estranhamento de criar algo que não conheciam.

O conferencista refere-se a um segundo momento, enfatizando que a história europeia da América Latina coincide com a existência do capitalismo e dos processos que mais tarde serão chamados de globalização. Essa história do capitalismo em sua implantação, com sua força de inovação, com novas idéias, com mitos transformados em idéias, e com mitos normativos, transmitidos pelos donos do conhecimento daquele momento: padres e colonizadores. Mais tarde, os canais de televisão irão desempenhar o papel já conhecido, que está a serviço do globo, mas não da humanidade. Assim, Milton Santos nos lembra de que na América Latina produz-se um modelo híbrido, dando abertura para as modernidades sem críticas e sempre e em todo momento sem críticas, aceitando e recebendo tudo sempre sem críticas.

"Isso nos traz, nos trouxe e continua trazendo problemas epistemológicos para o estudo da própria América Latina, agarrados à herança de uma Europa que ressurgia preparando as luzes da produção de uma modernidade que oferece ao mundo uma epistemologia incapaz de compreendê-lo". O autor continua afirmando que, "por exemplo, essa separação entre natureza e sociedade, mesmo que esteja proclamando que as está unindo, ou a separação entre indução e dedução". Tal distinção é superada quando nos colocamos do ponto de vista do processo. Em outro momento, afirma-se que o processo é recusado, pois a atualidade é recusada e, portanto, a teorização é recusada. "Mas também se recusa a considerar que a emoção é o locus do conhecimento. A separação entre razão e emoção é um produto da consideração da superioridade da razão em relação à emoção" (SANTOS, 2006: 19-20).

Esses pensamentos do professor Milton Santos, referem-se aos compromissos e responsabilidades que nos levam à prática profissional de nossa atividade. A maneira como estamos fazendo nossa pesquisa, nosso papel no ensino e porque não, aqueles que trabalham no planejamento.

Temos que nos tornar conscientes de que a realidade é uma só, e as ideias como o conhecimento precisam ser produzidas como um sistema de realidades. A realidade não é o domínio apenas da economia, da antropologia, da sociologia ou da geografia. Os enfoques dados pelo materialismo histórico em uma das fases da geografia crítica resultaram em interpretações economicistas, que "acabaram impondo uma redução da realidade ao invés de trazer a solução para o seu conhecimento". (SANTOS, 2006: 22).

Não podemos negar os conhecimentos de uma Geografia Crítica que foram introduzidos a partir dos livros de Henri Lefebvre, Manuel Castell, David Harvey, entre outros, que nós latino-americanos tivemos contato com essa bibliografia apenas no final da década de 1970. Embora a produção intelectual não tenha se dado em todos os países da mesma forma, destaca-se a que ocorreu no Brasil, na Argentina, no México e, ao seu tempo, em todos os países do nosso continente. Assim, nossa intensão é resgatar alguns conceitos de quem foi o primeiro geógrafo latino-americano a se preocupar com a epistemologia desse novo modo de pensar o espaço. O resgate buscará fundamentar esses conceitos sem separar a razão da emoção e não podemos deixar de considerar as outras visões do enfoque geográfico, que ajudam a interpretar os mitos, os símbolos, os valores, as diversas outras facetas que o estudo do espaço nos exige.

A visão da Geografia como Ciência Social, transmitida por Pierre George desde os anos de 1960, assumida e aprofundada por Milton Santos, foi expressa em sua produção intelectual incontestavelmente rica, assim como em vários de seus discípulos.

A publicação do livro "Por Uma Geografia Nova", em 1978, em São Paulo, traduzido em várias línguas, expõe seus conceitos de "Geografia, Sociedade e Espaço". Na terceira parte do livro, o que o autor chama de "Por uma Geografia Crítica" e nos capítulos que compõem essa parte final, ele nos conduz à sua base teórico-metodológica. Em uma série de conceitos que parte da exigência para ter uma base teórica, pois, "Toda teoria é revolucionária" até o momento de definição no Capítulo XVII, com "As noções de integridade, de formação social e renovação da geografia", o autor nos traz conceitos que foram publicados há quase 40 anos e seguem válidos no presente (SANTOS, 1978: 191-199).

Santos define a categoria da Formação Econômica e Social como "uma noção indissociável do concreto, representada por uma sociedade historicamente determinada. Definí-la é produzir uma definição sintética da natureza exata da diversidade e da natureza específica das relações econômicas sociais que caracterizam uma sociedade em uma época determinada".

Em seus livros encontramos conceitos que são cada vez mais válidos. Por exemplo, os vários tipos de lugares onde ele destaca o lugar das forças hegemônicas, e aqueles inseridos nela, e os lugares ocupados pelos pobres e imigrantes. "Mas o lugar é a imagem de uma referência pragmática ao mundo, ele nos diz, é o teatro das paixões humanas, responsável, através da ação comunicativa, das mais diversas manifestações de espontaneidade e de criatividade".

Para Milton Santos são os mais pobres da cidade que apontam para o futuro. Aqueles que ele chama de “tempos lentos”, em oposição aos “tempos rápidos”, real ou aqueles que participam dos novos fluxos da economia. É o homem pobre que mantém uma intensa relação com o seu lugar, a classe média e a rica estão mais preocupadas em olhar para fora, em busca de um cosmopolitismo que procura e não encontra na relação com seu território. Continua o autor dizendo que é essa “a riqueza deixada aos pobres e aos migrantes”. Outro equívoco das Ciências Sociais, diz ele, é considerar que os pobres e os migrantes têm maior dificuldade em se adaptar à cidade. “Não é verdade. São os pobres e os migrantes que se adaptam melhor à cidade porque são obrigados a tratar o espaço de um modo selvagem que é necessário conhecer para sobreviver”. O uso do território, ou o território usado, que são dois conceitos que o autor explica, é um território compartilhado que exige a interdependência como práxis, é o “efeito vizinhança”, “é o esforço das massas em movimento, produzido na cidade, o milagre da recriação do pensamento. Essa recriação se dá através das mudanças simbólicas que se multiplicam, diversificam e renovam, como base da força econômica, da força social, da força cultural, da força política de estar juntos no lugar” (SANTOS, 2006: 24).

Continuarei citando Milton Santos neste trabalho que ele chamou de “Epistemologia Existencial”, porque se considerava latino-americano e temos que conhecê-lo. Ele reconhece que todas essas forças dos “pobres não são suficientemente consideradas, analisadas, e são colocadas como residuais porque estamos mais preocupados com as forças econômicas que interessam à realização vertical dos atores hegemônicos do chamado Mundo. Mas se o tempo do mundo – o tempo global - modela o lugar e o tempo do lugar, o tempo local molda o tempo do mundo. O tempo é produzido pelo lugar e por aqueles que estão nele. O mundo não é capaz de produzir o tempo. O tempo é a produção desse casamento entre uma sociedade e um entorno”.

Em outro momento se refere a uma nova “forma de concepção local de solidariedades, vivida na emoção, permite soluções locais e globais através do que fazemos todos os dias. Essa negociação permanente é feita, sobretudo, pelos mais pobres, porque nós não negociamos nada, porque nossos relacionamentos são, na maioria dos casos, pragmáticos. Mas os pobres e os migrantes da cidade são forçados pelas circunstâncias a essa negociação permanente. Quando sabemos que para fazer o mundo são necessários dois e que as cidades Latino-americanas são mestiças, também sabemos que há uma produção do mundo todos os dias a partir daqueles que usam a ação comunicativa, que não somos nós das classes médias, porque somos incapazes de fazê-lo” (SANTOS, M. op.cit: 24).

De fato, é preciso saber perceber a realidade do lugar sem chegar a ser localista, mas tampouco tentar uma visão globalizadora exagerada, que nos possa levar a um economicismo. Devemos considerar a economia como parte da sociedade.

Continua Milton Santos, temos que ter a possibilidade de examinar a economia, com o mesmo tempo que é dado à cultura, à sociedade, por meio da co-presença, da vizinhança, da ação comunicativa, da espontaneidade, da criatividade, portanto do futuro. Um retorno à utopia, um retorno necessário à utopia, que não é um sonho, porque ela exige etapas. A utopia requer uma preparação especial para alcançar o caminho que nos permita o objetivo proposto.

Finalmente, queremos mencionar o conceito de “Meio técnico-científico-informacional”, que Milton Santos desenvolve no capítulo 10 de seu livro “A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção”.

Depois de explicar a relação da sociedade com a natureza a partir da técnica, e depois da Segunda Guerra Mundial, nos anos de 1970 é o período chamado de técnico-científico que se “distingue dos anteriores por ter uma interação profunda de ciência e da técnica” com intensas interações entre ambas. Afirma que essas relações intensas se produzem na égide do mercado, que neste caso já é um mercado global. Citarei textualmente a opinião do autor: “Neste período, os objetos técnicos tendem a ser tanto técnicos quanto informacionais, pois, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e realmente, a principal energia de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas como produtos dos novos progressos, não é mais o meio técnico com o qual estamos lidando. Estamos diante da produção de algo novo que estamos chamando de meio técnico-científico-informacional” (1999: 190). Embora essas ideias tenham sido escritas na data registrada, temos que afirmar que hoje o espaço geográfico está mais do que nunca impregnado dessa realidade. Assim, podemos observar que é o espaço dos agentes hegemônicos da economia, da cultura e da política, e eles já estão incorporados às correntes mundiais. “O meio técnico-científico-informacional é a face geográfica da globalização”. Essas novas formas geográficas alcançam e transformam o território, todos os territórios. “Devido ao fato de ser técnico-científico-informacional, o meio geográfico tende a ser universal”, qualquer que seja o grau de inserção é o efeito da globalização.

Temos que continuar afirmando com Milton Santos que é o espaço da economia internacional, que é âmbito da geografia dos fixos e dos fluxos, que é a busca por espaços mais produtivos que

intensifica a guerra pelos lugares. São os locais que determinam a rentabilidade dos investimentos, e isso faz a diferença de acordo com as condições locais de ordem técnica.

Não podemos negar que “ao mesmo tempo em que se instala uma tecnosfera dependente da ciência e da tecnologia, surge paralelamente e com as mesmas bases uma psicofera. A tecnosfera se adapta aos mandamentos de produção e troca e, assim, traduz frequentemente interesses distantes; desde, claro, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precederam, constitui um fato local, aderindo ao local como prótese”. O autor também analisa o papel que ele chama de “psicofera, reino das idéias, crenças e paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras para a racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas - tecnosfera e psicofera - são locais, mas são o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. Sua inspiração e suas leis têm dimensões mais amplas e mais complexas” (SANTOS, 1999: 204).

Este conceito do autor nos permite penetrar em todos os interstícios que nossa sociedade mestiça pode ter nos espaços geográficos da América Latina. Nós os mencionamos não como um conjunto de idéias às quais nos unimos como uma metodologia incontestável. Nestes momentos em que vivemos com a intensa dependência das relações internacionais, é necessário tomar consciência das forças que nos dominam. Cada vez mais a tecnosfera e a psicofera são unificadas entre elas. O meio geográfico atual com sua carga de técnica e ciência transforma e reforma, trazendo novos comportamentos para a sociedade, exigindo a necessidade de mais recursos técnicos. “A tecnosfera e a psicofera são os pilares com os quais o meio científico-técnico introduz a racionalidade, a irracionalidade e a contra-racionalidade no próprio conteúdo do território”.

Finalizamos com nosso desejo de comermos a fazer uma Geografia Mestiça. A matéria-prima está na nossa sociedade, nos espaços por ela produzidos e consumidos e por todos aqueles que se dedicam a estudá-los.

** Este trabalho inédito fora apresentado como palestra integrante da programação oficial do XV Encontro de Geógrafos da América Latina - EGAL, realizado em La Paz, Bolívia, em abril de 2017.*

*** Este trabalho inédito fora exposto originalmente em espanhol durante as atividades do XV EGAL, e esta versão em língua portuguesa teve o auxílio da pósgraduada Alessandra G. Soares.*

Referências bibliográficas

- CANCLINI, N. G. Latinoamericanos buscando lugar en este siglo. Buenos Aires, Paidós, 2002.
- CORRÊA, R. L. Formas Simbólicas E Espaço Algumas Considerações. Em: GEOgrafia, Revista da Pós Graduação em Geografia da UFF, Niterói/RJ, UFF/EGG. 2012;
- GRUZINSKI, S. El pensamiento mestizo. Buenos Aires, Paidós, 2000.
- LANDER, E. (compilador) La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, CLACSO, UNESCO (Unidad Regional de Ciencias Sociales y Humanas para América Latina y el Caribe), 2003.
- LEMOS, A. I. G. SILVEIRA, M. L., ARROYO, M. (org.) Questões territoriais na América. São Paulo, CLACSO, Departamento de Geografia - USP, p. 27-37, 2006.
- LEMOS, A. I. G., GALVANI, E. (org). Geografia, tradições e perspectivas: A presença de Pierre Monbeig no Departamento de Geografia (USP). São Paulo, CLACSO, Expressão Popular, p. 19-35, 2009.
- MARTINS, J. S.: Exclusão Social e Nova Desigualdade. São Paulo, Paulus, 1997.
- MENDES, J. M. O: O desafio das identidades. Em: SOUZA, S. B (org) : A Globalização e as Ciências Sociais. São Paulo, Cortez Editores. 2012.
- SALGADO, M. P. C., VAZQUEZ, R. M., REYES, L. L. Epílogo. In: REYES, Laura Loeza y SALGADO, M. P. C. (coord.) Identidades, Teorías y métodos para sus análisis. Ciudad de México, Universidad Nacional Autónoma de Mexico, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 2011.
- SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo, Editora HUCITEC e EDUSP, 1978.
- SANTOS, Milton. Pensando o espaço do Homem. São Paulo, HUCITEC, 1982.
- SANTOS, Milton. De la Totalidad al lugar. Barcelona, OIKOS-TAU, 1996.
- SANTOS, Milton. A Natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo, HUCITEC, 1999.
- SANTOS, Milton. Por uma Geografia Existencial. In: LEMOS, A.I. G de, SILVEIRA, M.L., ARROYO, M. "Questões Territoriais na América Latina", São Paulo, CLACSO, Departamento de Geografia, Univ. de São Paulo. p 19-26, 2006.
- SOUZA S., B. Una Epistemología del Sur; La reinención del conocimiento y la emancipación social. Buenos Aires, CLACSO, Siglo Veintiuno Editores, 2000.
- SOUZA S, B (org.) A Globalização e as Ciências Sociais, São Paulo, Cortez Editora, 2002.